

CINEMA E EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO CINEMA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR

*Alexandre Alves da Silva**

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo compreender o cinema enquanto recurso educativo, o qual possui a capacidade de promover a construção do pensamento por meio do contato com os filmes, seja através da sala de cinema, ou dentro do espaço escolar como práticas pedagógicas, através de recursos midiáticos que possibilitam a projeção de filmes. O contato do indivíduo, enquanto espectador com a reprodução dos filmes facilita a construção do pensar e da condição de desenvolver diversas leituras de mundo. Neste sentido, o educador necessita compreender o cinema como colaborador no processo educativo de seus alunos, tornando-se facilitador do encontro do discente com os filmes que promovem o pensamento crítico. A partir desta reflexão considera-se a relação entre a escola e o cinema como uma experiência pedagógica, construtora de um conhecimento dinâmico e capaz de desenvolver no educando uma consciência do seu papel ativo dentro da sociedade.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Práticas pedagógicas.

Introdução

Durante muito tempo a educação escolar teve o seu ensino alicerçado pela transmissão oral e pela transmissão escrita, sendo que a utilização das imagens era considerada como algo alheio e desnecessário à realidade dos alunos. A escrita tornou-se a fonte inquestionável do saber e ao professor coube o papel de único e insubstituível fornecedor de uma educação que Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do oprimido* (1987) define como “educação bancária” o qual apresenta a figura do educador que detém o conhecimento, depositando-o em seus educandos. A estes, por outro lado, restou a incumbência de receber estas informações e reproduzi-las passivamente através de avaliações que não considerava o conhecimento prévio destes indivíduos, os quais, para este modelo de ensino, nada mais eram que depósitos de conhecimentos.

É comum ouvir entre os educandos, independente de sua idade e nível de aprendizado, comentarem entre si – e até com o educador – sobre os filmes que assistira no dia anterior,

*Graduando no curso de Pedagogia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do grupo de pesquisa “Prática pedagógica na Educação básica”. e-mail: [alexandrrealves@gmail.com/](mailto:alexandrrealves@gmail.com) <http://lattes.cnpq.br/1133038460997855>

muitas vezes construindo comentários cobertos de um teor emocional e de uma empolgação diante de uma cena que despertou o choque emocional através do contato com a imagem cinematográfica. Esta relação entre o educando e os filmes conduzem a um aprendizado o qual a escola deve utilizar dentro de seu espaço, através da relação entre a escola como ambiente voltado à educação, e o cinema enquanto recurso que promove um desenvolvimento do conhecimento por meio do olhar e a imagem.

Cineastas e outros autores vinculados ao cinema têm desenvolvido pensamentos acerca do cinema como gerador do conhecimento, e a inserção da arte cinematográfica dentro do espaço escolar como práticas pedagógicas, através das exibições de filmes, seja em sala de aula, como recurso didático, ou através de projetos que envolvem toda a comunidade escolar. Dentre estes autores, destaca-se neste artigo Alain Bergala que, por meio de seu livro *A hipótese-cinema* (2008), desenvolve uma reflexão sobre o cinema como um gerador do processo de educação de um novo olhar voltado ao mundo.

O cinema dentro do espaço escolar segundo o pensamento de Alain Bergala.

É inegável o valor da imagem nos processos de aprendizagem atuais. O investimento cada vez maior no aprimoramento das produções cinematográficas e televisivas, sem falar nas inovações constantes no campo da informática, tem fortalecido o contato entre o sujeito e a imagem. O aluno já não se vê como mero personagem passivo, inserido no espaço escolar, como refém de uma metodologia verticalizada de ensino. Dialogando o cinema com o pensamento de Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do oprimido* (1987), o qual defende uma educação que também é própria da proposta educativa através do cinema:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (FREIRE, 1987, p. 44).

Uma das principais contribuições de Alain Bergala contidas em seu livro *A hipótese-cinema* é a idéia que esta arte na escola, assim como as demais, é um encontro com a alteridade. Este encontro promovido pela imagem em movimento rompe com a cultura escolar fixada onde o cinema costuma ser instrumentalizado, didatizado e, por fim, limitado a um padrão tradicional de transmissão de conhecimento. Conforme Alain Bergala, “o medo da alteridade muitas vezes nos leva a anexar um território novo ao antigo à moda colonialista, não enxergando aquilo que já se sabia ver no antigo” (2008, p. 38). Opondo-se a este modo de

utilização, a educação pelo cinema suspende o véu que cobre os olhares dos educandos em relação ao mundo e cria uma maneira renovada de compreender a realidade em que se encontra através do contato com os filmes.

Em seu livro, Alain Bergala define o cinema como criação de conhecimento, e não apenas de puro consumo voltado ao entretenimento. Ele defende a importância do encontro do educando, sobretudo em sua juventude, com os bons filmes, onde ele diz que “nada poderá substituir essa primeira emoção que marca todo o verdadeiro encontro com o cinema” (2008, p. 60). Em seguida, continua a sua reflexão acerca do primeiro encontro da criança e do adolescente com as produções cinematográficas:

Como tornar possível a exposição da criança a esse encontro? No campo do cinema, hoje, isso significa concretamente utilizar todos os dispositivos e todas as estratégias possíveis para colocar as crianças, um máximo de crianças e adolescentes, em presença dos filmes que eles terão cada vez menos chances de encontrar em espaços fora da escola (ou de uma sala ligada fora da escola). Organizar o encontro é uma experiência responsável pesada. Todos sabemos que as boas condições, no que concerne ao desejo, muitas vezes foram, precisamente, aparentes más condições: filmes vistos clandestinamente, frequentemente numa situação em que não nos eram destinados, ou ainda com culpa, num tempo roubado à escola ou ao trabalho, como Antoine Doinel em *Os incompreendidos (Les Quatre cents coups)* (BERGALA, 2008, p. 63).

A reflexão do autor parte da escola como espaço capaz de possibilitar o contato dos seus educandos com os filmes, e a desenvolver uma relação com o cinema. Segundo Alain Bergala, “deduz-se a importância primordial de se encontrar os bons filmes no bom momento, aqueles que deixarão marcas para toda a vida” (2008, p. 61). Para ele, o bom momento para o contato do indivíduo com os filmes capazes de articular o pensamento é durante o período da adolescência, onde o este se encontra em processo de formação de sua identidade e da busca de outras informações que irão moldar a sua conduta.

Sobre esta construção de conhecimentos por meio da interação entre o espectador e a obra cinematográfica, Alain Bergala enfatiza que esta se dá de forma lenta, que pode durar um longo período da vida do espectador. De acordo com o autor,

No momento do encontro, nos contentamos em recolher com espanto o enigma e reconhecer seu impacto, seu poder desestabilizador. O momento da elucidação virá mais tarde e poderá durar vinte, trinta anos, ou toda uma vida. O filme trabalha em surdina, sua onda de choque se propaga lentamente (BERGALA, 2008, p. 61).

Sob este ponto de vista, a escola, no papel do professor, deve compreender a importância do cinema na formação do indivíduo, e possibilitar a seus alunos o acesso aos filmes, seja frequentando as salas de cinema, ou através de projeções em TV/ DVDs, ou outras mídias disponíveis no espaço escolar. A preocupação da escola consistiria em possibilitar aos seus educandos o contato com a sétima arte, e a possibilidade de construir nestes jovens o encanto pelo cinema, assim como a compreensão de que este é mais um agente no processo educador que se encontra fora dos muros da escola. Por outro lado, conforme cita Alain Bergala, não se pode esquecer que a relação entre o discente, seja criança ou adolescente, com o cinema se dá a partir de um interesse do próprio indivíduo, e não uma tentativa frustrada de forçá-lo a amar a sétima arte, sobretudo os filmes considerados clássicos. De acordo com as palavras do autor,

Pode-se obrigar alguém a aprender, mas não se pode obrigá-lo a ser tocado. Todos sabemos que os livros, filmes, músicas que contaram em nossas vidas foram encontrados individualmente, na esfera da intimidade, cada um consigo mesmo, ainda que esse encontro tenha ocorrido aparentemente numa situação de grupo ou de transmissão instituída. Quando a escola obriga a aprender – com o objetivo de qualificar os alunos para sua futura inserção social, e ela deve fazê-lo – ela não tem obrigatoriamente por referência primeira favorecer a possibilidade de um encontro individual com uma obra (BERGALA, 2008, p. 62).

Neste caso, é importante a participação do educador enquanto mediador deste encontro dos indivíduos com os filmes, proporcionando a futura inter-relação entre o educando e os filmes indicados para se trabalhar na escola. Dentro deste ponto, torna-se necessário refletir sobre a importância da formação docente voltada para o cinema como arte que constrói conhecimento, e as novas tecnologias inseridas na sala de aula que garantem a exibição de filmes dentro do espaço escolar.

Os educadores como mediadores entre o educando e os filmes.

Nas práticas educativas do docente na formação inicial e continuada de professores, tem-se pensado em como estes deveriam utilizar as novas tecnologias em sala de aula, como forma de colaborar com o desenvolvimento do aprendizado de seus alunos. Entre estes novos métodos de ensino vêm-se pensando, também, na educação através da exibição de filmes dentro do espaço escolar. As produções bibliográficas de autores, como Carlos Napolitano, Alain Bergala, Marília Franco, Laura Maria Coutinho, entre outros, permitem problematizar

acerca da maneira em que o educador utiliza do cinema em sala de aula para ensinar seus alunos por meio da experiência de uma educação do olhar através da relação emocional com os filmes. Trazem para a discussão as novas maneiras de se pensar em uma educação que vai além da estrutura conteudista, e a partir dela se discute o uso do filme na atividade pedagógica que afirma a necessidade de valorizar o filme como um produto cultural na sala de aula, quando a partir da experiência referida é possível explicitar as múltiplas leituras que o filme provoca.

Para facilitar a aproximação entre o aluno e os filmes, é necessário que o educador assuma a função de mediador entre o indivíduo e as produções fílmicas, compreendendo o cinema enquanto possibilidade de construir uma educação voltada ao imaginário e à compreensão do real através do contato com o mundo fictício dos filmes. Em vista disso, o corpo docente necessita se preparar para essa nova metodologia de ensino através de filmes, uma vez que muitos educandos aprendem não só escrevendo e lendo, mas sim assistindo a filmes seja na escola, ou em casa ou nas salas de cinema.

Alain Bergala sustenta a importância da presença do educador enquanto mediação entre os educandos e os filmes que virão a ser selecionados e exibidos em sala de aula. De acordo com o autor, dentro de uma conjuntura socioeconômica em que o acesso aos filmes considerados clássicos e de fundamental importância para a formação do ser humano vem sendo cada vez mais difícil – haja vista que estes perderam seus espaços para as grandes produções cinematográficas hollywoodianas – a escola passa a se tornar um dos lugares onde este acesso ainda é possível, além dela ser propícia para a exploração das idéias que estes filmes podem construir à medida que os alunos são capazes de expor suas impressões acerca do que acabaram de assistir.

Segundo o autor,

As crianças e os jovens de hoje têm cada vez menos chances de encontrar, em sua vida social normal, outros filmes que sejam não os do *mainstream* do consumo imediato. A escola (e os dispositivos que a ela se ligam) é o último lugar onde esse encontro ainda pode acontecer. Portanto, mais do que nunca, sua missão é facilitar o acesso – de modo simples e permanente – a uma coleção de obras que dêem uma idéia elevada, não pedagógica, daquilo que o cinema, pôde produzir de melhor (BERGALA, 2008, p. 91-92).

O educador deve provocar este contato com o cinema, sem que seja necessário forçar seus alunos a esta experiência; é preciso que o adulto assuma a função de animador, estimulador do gosto pelo cinema através dos filmes que são utilizados em suas aulas. Esta

dinâmica proporciona a construção da autonomia do educando em relação aos filmes, uma relação afetiva com o cinema que é capaz de construir uma nova visão de mundo.

A demonstração artística, embora tenham suas particularidades frente a outras formas de leitura, linguagem e expressão, atravessam todo o processo educativo do espaço escolar, rompendo assim com limites dos diversos campos disciplinares. Restringir a exibição de filmes exclusivamente ao docente responsável pela disciplina de Artes ou de História, por exemplo, é minimizar o valor do cinema e a sua autonomia que atinge a vários campos disciplinares e, acima de tudo, promove uma educação que vai além da metodologia conteudista predominante no espaço escolar. A educação pelo e para o cinema parte da relação do educador com a arte cinematográfica, da sua predisposição em tecer uma relação afetiva com os filmes, e promover, de forma voluntária, este encontro aos seus educandos.

Assim como pensa Alain Bergala,

Quando aceita o risco voluntário, por convicção e por amor pessoal a uma arte, de se tornar “passador”, o adulto também muda de estatuto simbólico, abandonando por um momento seu papel de professor, tal como definido e delimitado pela instituição, para retomar a palavra e o contato com os alunos a partir de um outro lugar dentro de si, menos protegido, aquele que envolve seus gostos pessoais e sua relação com esta ou aquela obra de arte. O “eu” que poderia ser nefasto ao papel de professor se torna praticamente indispensável a uma boa iniciação. Essa é a diferença entre o que a instituição tem o direito de esperar de um professor que dá uma aula de sua disciplina e o que esse mesmo professor pode encontrar como “outro” lugar e como relação diferente com os seus alunos, quando sai do âmbito do “seu” ensino, seja ele artístico ou não, para se tornar “passador”, iniciador, num campo da arte que escolheu voluntariamente porque o toca pessoalmente (BERGALA, 2008, p. 64-65).

Diante disso, é necessário que o educador construa uma sensibilidade diante dos filmes que pretende exibir em sala de aula; ao partir em busca de filmes para inserir em sua metodologia, o educador deve propor uma educação através da linguagem cinematográfica, dando espaço para que seus educandos cultivem tais conhecimentos a partir da relação com sua subjetividade. Dentro deste pensamento, Laura Maria Coutinho (2009) constrói uma reflexão acerca do cinema e a sua maneira de educar atingindo o espectador de maneira singular. Conforme a autora,

O cinema propõe outras formas de percepção e, portanto, de construção de subjetividades. Cada um constrói a sua própria percepção e pode expressá-la em ambientes que favoreçam a troca de pontos de vista. Ao conhecer o ponto de vista do outro, o meu será, com certeza, enriquecido (COUTINHO, 2009, p. 5).

O adulto responsável deve trazer ao discente uma experiência individual com o cinema, onde esta experiência transcenderá para a construção coletiva de conhecimentos, a partir da troca de informação que cada educando compartilhará após a vivência com os filmes, considerando a sala de aula como espaço favorável para a socialização destas impressões. Dentro da sala de aula o cinema deve ser utilizado como recurso ilustrativo, como desenvolvimento do aprendizado para a arte cinematográfica, como ilustração e abordagem de conteúdo, objeto de conhecimento, entretenimento ou representação da realidade.

De acordo com o pensamento de Marcos Napolitano, em seu livro, *Como usar o cinema na sala de aula* (2010), no que tange a relação do professor com o cinema, ele defende a idéia de que o educador “atue como mediador entre a obra e os alunos, não apenas preparando a classe antes do filme como também propondo desdobramentos articulados a outras atividades” (2010 p. 14-15). Em seguida ele alerta ao docente acerca da forma de exibição dos filmes:

O professor deve se lembrar, sempre, que ele não está reproduzindo o filme para si mesmo, para o seu próprio deleite intelectual ou emocional. [...] Além dessa preocupação, o professor, ao escolher os filmes para a sala de aula, deve ter o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e morais dos alunos e de suas famílias, mesmo discordando deles (NAPOLITANO, 2010, p. 19).

Desta forma, faz-se necessário que o professor assuma também a função de leitor do filme, a fim de possuir as condições transmitir as obras cinematográficas em sala de aula.

No entanto, esta é uma realidade que ainda está em desenvolvimento. O espaço escolar ainda se encontra, por diversas razões, submissos a alguns modelos tradicionais de ensino; a escrita e a metodologia tradicional mantêm como a maneira predominante de transmissão de pensamento. Outro fator que impossibilita de forma plena a inserção do cinema no espaço escolar é a precariedade que algumas escolas sofrem em suas condições físicas, sobretudo as pertencentes à rede pública, não sendo contempladas com uma infraestrutura e equipamentos audiovisuais adequados para a exibição de filmes em suas salas de aula. Além disso, uma parte dos educadores ainda considera como ineficazes e desnecessários o uso dos recursos audiovisuais em sala de aula para a exibição dos filmes, por não enxergar neles um auxílio construtivo no processo educacional.

É importante uma formação de educadores voltada ao uso do cinema em sala de aula, levando em consideração a importância que os filmes possuem para a construção do

conhecimento, evitando que a transmissão de filmes caia na função de “tapar buracos” das aulas não planejadas ou de imprevistos durante as aulas. Considera-se importante uma formação voltada à categoria docente para a utilização do cinema e a aproximação dos seus alunos aos bons filmes, considerando a importância do cinema para a transmissão e construção de valores e de novas visões de mundo. Segundo Marília Franco,

O professor deve fazer-se um espectador especializado. Sua especialização é como educador e não como espectador, ao usar o filme na situação de ensino/aprendizagem está exercendo sua função de mestre. Como espectador comum acumulou vivência e experiência para aplicá-la ao exercício da sua profissão. Como espectador especializado ele terá autoridade para se fazer intérprete das linguagens audiovisuais (FRANCO, 1992, p. 26).

A formação docente deve partir da relação do cinema como facilitador do aprendizado de seus educandos: um aprendizado que, sistematizado na sala de aula, reflete no comportamento fora do espaço escolar. Através dos filmes, os estudantes são motivados a compreender determinados conceitos acerca do mundo, os quais muitas vezes não são entendidos profundamente apenas pelo contato com as obras literárias. A proposta de uma educação pela imagem em movimento proporciona a relação pedagógica entre a imagem fictícia, construída pelo cinema, e a imagem real, capturada pelo olho da criança ou adolescente. Esta relação é desenvolvida através do choque emocional provocado pelos filmes, tornando-se construtora do pensamento crítico sobre o mundo, e é reafirmada por Gilles Deleuze, o qual, em sua obra *A imagem-tempo* (2009), ressalta que “Tudo se passa como se o cinema dissesse: ‘comigo, com a imagem-movimento vocês não podem escapar do choque que desperta o pensador em vocês (2009, p. 190)”. A dinâmica da construção do conhecimento por intermédio do cinema possibilita, inclusive, uma educação voltada à ruptura da hierarquia opressora entre educadores e seus respectivos educandos na medida em que os professores se tornam indivíduos em processo de educação através dos filmes. Apresentar as produções cinematográficas com seus alunos é um ato de educar a si mesmo através do olhar, e conforme cita Paulo Freire,

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem (FREIRE, 1987, p. 43).

A partir desta reflexão, compreende-se que a formação de professores voltada às exposições de filmes no espaço escolar se dá, também, pelo processo de uma formação emotiva

com os filmes; uma relação onde o docente deve, conforme pensa Alain Bergala (2008), recorrer à sua infância e à relação íntima que ele desenvolveu com os filmes em que assistira neste período de sua vida.

Conclusão

Entende-se, a partir desta reflexão, a necessidade da escola estar aberta a novas práticas pedagógicas que proporcionem o diálogo entre as disciplinas estudadas em sala de aula com as diversas experiências que o discente vivencia e constrói além dos muros da instituição. A inserção da arte, especificando o cinema, proporciona esta relação entre o ensino proposto pelo currículo e as interpretações de mundo que os filmes provocam no indivíduo que se encontra aberto a se tornar leitor da imagem em movimento. Entende-se que o uso do cinema dentro do espaço escolar pode ser utilizado como um recurso pedagógico com a finalidade de propor uma discussão ampla de assuntos vinculados aos conteúdos estudados em sala de aula, levando o aluno à construção de saberes e a interagir com as novas ferramentas que proporcionam uma educação subjetiva que vem a ser uma educação do olhar para a sociedade em que vive, a partir do contato com o universo fictício do cinema, o qual nada mais é senão um reflexo do mundo real.

Assim, percebe-se a importância de iniciativas dentro do espaço escolar que visa articular a arte com o aprendizado do educando articulado com as disciplinas estudadas em sala de aula. Ao se pensar o cinema como articulador e colaborador para a construção do conhecimento, entende-se que esta educação proporciona uma formação humana voltada à criticidade e às maneiras subjetivas de analisar e compreender o mundo.

Ao se pensar no docente como facilitador do encontro entre o educando com os filmes que proporcionam uma educação do olhar, pensa-se, também, em uma formação continuada a estes educando, apresentando a importância da inserção da arte como articulação entre o conhecimento oferecido pela escola e o conhecimento prévio que estes educandos trazem consigo, a partir de suas experiências e de como estes observam o mundo. O desafio de uma formação de docentes voltada à maneira pedagógica de manipular a arte cinematográfica em prol da educação das crianças e jovens deve ser superado a partir da relação afetiva em que o adulto deve construir com os filmes, dando a si o encargo de conduzir os seus alunos ao encontro com os filmes que propõe construir conceitos a partir da exibição de suas imagens.

Esta experiência cinematográfica proporciona ao educando a possibilidade de construir conhecimentos a partir da interpretação que este faz da imagem em movimento e a

articulação desta com a conjuntura em que o espectador vive; neste aspecto, o educador também se insere no processo de conscientização por meio da imagem fílmica através de uma educação que mobiliza os sentimentos na medida em que se permite atingir por filmes que oferecem a construção de conhecimento por meio de suas imagens, sobretudo da relação em que o espectador tece com o personagem. Apresentar filmes em que os protagonistas são crianças, como *Cinema Paradiso (1988)*, *Vermelho como o céu (2006)*, *Os incompreendidos (1959)*, *Ladrões de bicicletas (1948)*, entre outros, aproxima o olhar do personagem diante do mundo fictício ao do espectador, que se encontra diante do real mundo que se movimenta constantemente, dando a este educando, criança ou adolescente, a consciência de ser ativo e construtor dentro do lugar em que se encontra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola.** Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

COUTINHO, Laura Maria. Apresentação da série: Cinema e educação: um espaço em aberto. In: **Salto para o futuro: cinema em educação: um espaço em aberto.** Rio de Janeiro: Ministério da educação, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2: a imagem-tempo.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

FRANCO, Marília da Silva. A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In: Lições de cinema 1: **Cinema: uma introdução à produção cinematográfica.** São Paulo: FDE, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2008.